

O CORPO TOTÊMICO COMO UNIDADE MÁGICA: uma concretude para as noções de magificação¹

THE TOTEMIC BODY AS MAGIC UNIT: a concreteness for the notions of magification

Leonardo Rampon Patikowski ^{2 3}

Resumo: *Movidos pela admiração, os atores da sociedade ampliam construções de um imaginário emocional para suas figuras inspiradoras. Não há um termo literal que defina esta prática. Apesar de não apresentar definições estruturadas sobre a pauta, as obras do sociólogo francês Michel Maffesoli (1998, 2012) oferecem matizes que iluminam estes processos sob a forma de noções. Neste artigo ela será chamada de magificação. Diante disto, a discussão central deste trabalho está concentrada em aglutinar e cristalizar esta noção no respectivo conceito mencionado. Ademais, autores chave dos campos do imaginário, psicanálise, mitos e semiótica estarão presentes na articulação deste estudo. Este é um esforço que faz parte da pesquisa que visa compreender como se atribuiu a construção da imagem do personagem Pelé enquanto atleta profissional entre os anos de 1957 a 1977. Considerando isto, busca-se condensar o termo proposto para melhor aferir os valores empregados ao emolduramento da efigie do esportista.*

Palavras-Chave: Magificação. Imagem. Imaginário.

Abstract: *Driven by admiration, society expands constructions of an emotional imaginary to its inspiring figures. There is no literal term that defines this practice. Despite not presenting structured definitions on the subject, the works of French sociologist Michel Maffesoli (1998, 2012) offer nuances that illuminate these processes in the form of notions. In this article it will be called magification. The central discussion of this work is focused on crystallizing and agglutinating this notion into the respective concept mentioned. Furthermore, key authors from the fields of imagination, psychoanalysis, myths and semiotics will be present in the articulation of this study. This is an effort that is part of the study that aims to understand how the construction of the image of the character Pelé as a professional athlete between the years 1957 and 1977 was attributed. Considering this, we seek to condense the term to better assess the values used in framing of the sportsman's effigy.*

Keywords: Magification. Image. Imaginary.

¹ Estudo apresentado ao grupo de trabalho de imagem e imaginário midiáticos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba – PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Publicitário. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPGCOM PUCRS. Endereço: Avenida Ipiranga, nº. 6681, prédio 7 – FAMECOS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: <leonardo_rp@hotmail.com>

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1. Introdução

Normalmente, os atores da sociedade edificam corpos totêmicos, a fim de suprirem lacunas de pertencimento e afeição. A construção imagética é uma prática presente em todas as sociedades e culturas. Deste modo, ela edifica narrativas míticas e simbólicas como mecanismos para elevação de valores e representações aos coletivos. Estes processos se encontram presentes em rituais sociais de natureza arcaica que, prendados pelo inconsciente coletivo, conferem aos sujeitos estruturas sustentadas pela admiração e conexão aos seus totens.

Os escritos do sociólogo Michel Maffesoli (1998, 2012) e do antropólogo Gilbert Durand (2012), acompanhados pelos seus autores basilares, apontam como as estruturas do imaginário configuram conexões entre os sujeitos. A partir delas as entidades totêmicas são edificadas. Estes corpos funcionam como variáveis emocionais, providos de elementos que mobilizam esta sensibilidade articuladas através de sistemas ritualísticos – sejam eles modernos e/ou arcaicos. A partir disto, a *magificação* surge como uma forma de expressar e exteriorizar as formas de sacralização destas efigies. Logo, elas são elevadas à condição de modelos que inspirem fé, esperança e transcendência aos atores.

A junção dos parâmetros *princípios, valores, padrões, concepções e crenças* constituem as unidades que reinterpretem e ressignificam as narrativas míticas deste rito, estabelecendo e delineando vozes de identificação e pertencimento aos corpos. Esta conjunção de modelos é assinalada por meio de um complexo sistema simbólico chamado por Durand (2012) de *semantismo do imaginário*. É ele que introduz aos parâmetros as orientações para a edificação dos *tipo-ideal* da entidade.

Como fenômeno de uma sensibilidade social, o estudo examina como as entidades totêmicas cumprem estes parâmetros de admiração que seduzem os atores da sociedade nesta teia cultural e social. Diante disto, apresento este artigo como parte dos esforços realizados na minha dissertação de mestrado⁴. Ademais, é necessário destacar que o *tipo-ideal magificação*

⁴ Este artigo é uma frente de esforços que fazem parte do estudo que intenta compreender como se atribuiu a construção da imagem do personagem Pelé enquanto atleta profissional entre os anos de 1957 a 1977. Em vista disso, o ensaio busca condensar a noção que estou chamando de *magificação* – presentes nas obras de Michel Maffesoli, Gilbert Durand e seus autores basilares – para melhor aferir os valores empregados ao emolduramento da efigie do esportista.

não será interpretado neste ensaio – apesar de existir alguns trechos pontuais que mencionam a sua presença.

Por fim, este ensaio se aporta em estudos ligados ao campo do imaginário, memória e mitos, subsidiados por autores associados ao assunto. Além disso, estudiosos com proximidade ao tema são apontados neste estudo. Importante sublinhar que esta investigação é um recorte ligado aos esforços empreendidos para a produção da dissertação *O homem que não queria ser Pelé* com previsão de defesa para o início de 2025.

2. Unidades semânticas de conhecimento: noções totêmicas como modelos aos atores da sociedade

A função dos ritos é uma constante em todas as culturas. Existe uma necessidade dos atores da sociedade de construir figuras que abarquem bravura e primazia. Entretanto, este adorno se edifica quando os processos imagéticos são iluminados por variáveis remontadas pela cultura e seus resquícios arcaicos:

A criação do imaginário, dos sonhos, das crenças no irreal foi, é e parece continuar sendo uma necessidade humana, desde a Antigüidade [sic] até a época atual. [...] existem relações entre o sonho e o mito, o que justifica a interpretação dos mitos como o sonho dos povos. (RAHDE, 2015, p. 09)

O imaginário e o simbólico podem se relacionar, na medida que eles mantêm relações por proximidades. Rahde (2015) reforça que a imaginação comunica no estético a exploração dos mitos, acolhendo neste trajeto o encontro com a fantasia e o fantástico. Nesta conjuntura, uma nova visão conceitual se faz necessária para mitigar as noções que delineiam os retratos de personagens dignificados pelos atores da sociedade.

Nas obras *O tempo das tribos* e *O tempo retorna* do sociólogo francês Michel Maffesoli (1998, 2012) elas são apresentadas na forma de dinâmicas coletivas que favorecem a construção de uma imagem ou promoção social. Elas são emergidas por meio de estruturas que integram, constituem e formam determinado objeto:

Podemos multiplicar, à vontade, os fatores de agregação, mas, por outro lado, eles estão circunscritos a partir destes dois pólos [sic] que são o espaço e o símbolo (partilha, forma específica de solidariedade, etc.). Isso é o que melhor caracteriza a intensa atividade comunicacional que de múltiplas maneiras serve de nutriente ao que chamo de neotribalismo. (MAFFESOLI, 1998, p. 188)

Maffesoli (1998) apresenta no recorte o conceito de *neotribalismo*. De maneira geral ele é relativo a tribos, comunidades, que descendem de um mesmo coletivo. Nestes grupos os sujeitos partilham do mesmo idioma, costumes, tradições e hábitos. Esta definição de agregação social contemporânea é fundamentada, especialmente, nos polos do espaço e do simbólico. Enquanto o primeiro se aplica ao ambiente compartilhado, o segundo é representado por atuações de pertencimento, crenças e valores. Estas manifestações culturais, que combinam ambos, intensificam novas formas de agrupamento social que podem ser denotadas pela denominação apresentada pelo estudioso. Sendo assim, o verbete se refere a composição de comunidades com identidade e valores próprios dentro de um comportamento tribal de uma fragmentada sociedade pós-moderna. Isto significa que os coletivos se firmam em torno de círculos que se constituem por laços simbólicos.

Os sujeitos *neotribais* buscam por corpos simbólicos⁵ que possam se representar e assentar seus valores e crenças. Morin (2007) dissera que isto é resultado de um anseio por “projeções e de identificações específicas” (MORIN, 2007, p. 15) que levantam esta premência por personagens inspiracionais. Neste sentido, a *magificação* e *magnificação* funcionam como uma força motriz que avoluma estes contornos.

Um corpo simbólico também pode ser observado como um modelo totêmico. Maffesoli (1998) esclarece que as relações sociais se facultam por meios de laços de afinidade: “[...] sua eficácia se apóia [sic], essencialmente, no fato de que a proximidade de seus membros cria laços profundos o que provoca uma verdadeira sinergia das convicções de cada um” (MAFFESOLI, 1998, p. 117). Logo, este totem é a materialidade da representação do afeto aprazada pela designação de um corpo representacional.

Normalmente, os sujeitos buscam fazer parte de grupos, a fim de sentirem-se pertencidos a algo. O mesmo vale para os modelos totêmicos. Por exemplo, parte dos atores da sociedade

⁵ Chamo de corpos simbólicos aquilo que pode ser uma entidade e/ou instituição e/ou marca e/ou personagem. Pode ser usado como um sinônimo a modelos totêmicos.

costumam devotar sua paixão por alguma agremiação esportiva. No fundo, este sentimento é uma abstração que tenta cristalizar a necessidade de participar, sentir-se pertencido, a algo. Logo, este clube pode ser notado como um modelo totêmico.

Maffesoli (1998, 2012) diz que as sociedades buscam conceber totens. Uma pessoa pública pode ser fitada, por exemplo, como um modelo totêmico. Os sujeitos em torno dela vibram e festejam suas conquistas e/ou realizações. Isto expressa a necessidade de figuras emblemáticas e icônicas pelas quais comungamos, compartilhamos sentimentos, vibrações, sensações, emoções, tornando-as um elemento agregador e um polo de atração de afeto e emoção. Isto se conecta ao sistema ritualístico onde ritos de mitificação legitimam gestos divinos com base em modelos extra-humanos, como sugere Eliade (1993). “Este tipo de idealização é construído não somente pelas ações em vida do sujeito, mas, também, através das condições de desejo [...] Pode-se questionar se isso seria ou não uma forma ritualística de exaltar alguém” (PATIKOWSKI, 2018, p. 242).

Não diferente, continuamos a admirar e cultuar nossos próprios sobre-humanos, em vista que reproduzimos os mesmos mecanismos de adoração do passado primitivo. Isto se converte na mesma lógica do tronco cravado no centro da aldeia. Nesta dialética, todos ficavam dançando e/ou celebrando em torno do corpo totêmico. As reproduções pós-modernas são absolutamente as mesmas. Esta é uma ideia, um exemplo, daquilo que admiramos e cultuamos.

Por sua vez, na obra *As estruturas antropológicas do imaginário* do antropólogo francês Gilbert Durand (2012) estas disposições figuram no campo dos rituais simbólicos, na medida que eles evocam construções imagéticas que sobrepujam o senso de realidade dos sujeitos. O estudioso exprime que o imaginário simbólico é configurado pela constância dos atores, empreendido na ficção, nos mitos e crenças populares. Ele é performado por estruturas da reprodução cultural de um determinado coletivo. Esta concepção mobiliza os arquétipos presentes de forma arcaica no inconsciente coletivo dos atores. A cultura busca cultivar este santeiro⁶, sustentando e promovendo a finitude do tempo. Em outras palavras, apontando a fuga simbólica da morte e da passagem temporal. Em relação a isto, Durand (2012) manifesta

⁶ O mesmo que faz estatuas de santos e/ou as vendem. Em razão do seu significado estar atrelado ao profano e o sagrado, usarei a palavra como sinônimo de imaginário para que o parágrafo não tenha sua constante redundância. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/santeiro>>

que, desde o início de tudo, estes fenômenos consternam os coletivos. Do mesmo modo que, em razão disto, criou-se processos culturais para confrontar estas aflições.

[...] símbolo imaginário é a face psicológica, é o vínculo afetivo-representativo que liga um locutor e um alocutário⁷ e que os gramáticos chamam "o plano locutório" ou interjetivo, plano em que se situa - como a psicologia genética o confirma - a linguagem da criança. (DURAND, 2012, p. 31)

As aflições que remontam a representação afetiva controlam variáveis que simplificam estas condições psicológicas. Em “Mito e significado”, Lévi-Strauss (1978) destaca que o desenvolvimento de alguns mitos está assentado na “reconstrução contínua” (Lévi-Strauss, 1978, p. 59) de uma concepção binária. Apesar da congruente⁸ diferença⁹ mitológica em relação a Mircea Eliade, o autor define que o pensamento mítico moderno necessita se colocar no “estádio contemporâneo do pensamento científico” (Lévi-Strauss, 1978, p. 30). Isto significa que as operações dicotômicas¹⁰ somente podem ser compreendidas a partir de um modelo lógico e operacional que ajuda nesta assimilação¹¹. Contudo, em consonância aos escritos de Maffesoli (1998) e Durand (2012), entendo que para melhor mensurar a mecânica é necessária uma condição *valorativa*¹². Em outras palavras, uma conjunção *trinaria*.

Retomando a pauta principal desta discussão, os trabalhos basilares de Maffesoli (1998, 2012) e Durand (2012), objetos de análise deste ensaio, possuem entretons sobre a pauta

⁷ Destina o enunciado por oposição ao locutor. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/alocut%C3%A1rio>>

⁸ Sinônimo usado para lógica.

⁹ Convém sublinhar que o conceito de mito para Lévi-Strauss se inclina a uma visão onde o mito é algo primitivo e/ou inferior. Isto é, as sociedades arcaicas possuíam um pensamento que se resumia para as necessidades básicas de sobrevivência. Mircea Eliade usa a concepção de mito no campo da sensibilidade, onde a preservação do sagrado era importante para a consolidação dos instrumentos de sobrevivência dos povos antigos. Deste modo, o mecanismo contribuiu para as edificações das religiões. Apesar dos autores entenderem o conceito de formas diferentes, existem similaridades de compreensões na acepção do conceito no campo da magia.

¹⁰ Sinônimo para binário

¹¹ Lévi-Strauss (1978), transmite a ideia que o modelo seja próximo ao matemático. Esta lógica se torna ainda mais evidente quando ela se encontra com a subjetividade da semiótica peirceana. Nela é constatada uma complexa composição que fundamenta a teoria triádica. Contudo, o conceito proposto é mais tangível na lógica saussuriana, a partir das congruências dicotômicas. Desta forma, convém dizer que Claude se valeu dos dois estudiosos.

¹² De acordo com Luciano Guimarães (2004), mesmo que a binariedade mantenha condições polarizadas, ainda assim ela carrega condições qualificativas. Isto é, no meio desta polaridade existe um terceiro objeto – meio termo – para “desestabilizar a negação e compor um conjunto dinâmico, suprimindo a polaridade” (GUIMARÃES, 2004, p. 97).

proposta – *magificação* – de maneira muito dispersa. Elas não estão condensadas, tampouco categorizadas.

2.1 *Congregando as noções de magnificação e magificação*

Em consonância ao que foi apresentado até então, não é possível classificar *magnificação* e *magificação* como conceitos, na medida que não se encontram pré-definidos e categorizados nos ensaios de Maffesoli (1998, 2012) e Durand (2012). Neste sentido, elas podem ser interpostas como noções que estão presentes dentro dos processos do imaginário, carregando variáveis de caráter mágico, social, teológico, religioso, transcendental, arquetípico, iconográfico e simbólico. Ambas podem ultrapassar estes aspectos cambiantes, por se classificarem como práticas humanas. Por esta razão, podemos *magnificar/magificar* algo tratando de embasá-lo em aparatos de variáveis auxiliares que os esboçam. Os modelos totêmicos são lidos e relidos pela perspectiva de *magnifica-ló/magifica-ló* concedendo dimensões a um corpo tornando-o humanamente contemplo. Estas marcas não podem ser observadas de forma aérea ou inventada e, tampouco, forjada ou ludibriada. Portanto, é neste processo que está o magnífico e o mágico. Para melhor elucidação, a seguir, apresento os esforços até então congregadas destas noções.

Neste processo de edificação de um corpo totêmico, é válido incluir o conceito que Maffesoli (1998) chama de *aura estética*. Esta concepção é aplicada no campo da sensibilidade coletiva, sob o aporte dos signos da “emoção, sentimento, mitologia, ideologia” (MAFFESOLI, 1998, p. 20). Em outras palavras, está representação submete a constituição de uma atmosfera que remonta a fascinação que os atores da sociedade contornam em seus personagens representacionais. O estudioso sugere que está aura mobiliza o cotejo de concepções egrégias¹³ identificáveis por meio da sensibilidade coletiva.

[...] como a aura teológica na Idade Média, a aura política no século XVIII, ou a aura progressista no século XIX. É possível que se assista agora, à elaboração de uma aura estética onde se reencontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou à perspectiva ecológica. O que quer que possa parecer, existe uma ligação sólida entre esses diversos termos. Cada um, à sua

¹³ O mesmo que notáveis e/ou nobres. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/egr%C3%A9gios>>

maneira, dá conta da organicidade das coisas, deste "*glutinum mundi*" que faz com que apesar da (ou por causa da) diversidade um conjunto constitua um corpo. (MAFFESOLI, 1998, p. 20)

Está áurea estética mencionada por Maffesoli (1998) persevera a edificação de modelos que ele chama de *tipos-ideais* “que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros” (MAFFESOLI, 1998, p. 15). Em outros termos, os personagens de um refinamento imagético, de certo modo atraente, que se adequa a uma expressividade dos sujeitos. O estudioso reforça isto quando cita as disposições de caráter eclesial¹⁴. A mensuração desta deidade¹⁵ abre um conjunto de variáveis que pavimentam o caminho para o dito mítico. Eliade (1993) também afirma isto quando coloca no campo do profano a “transformação do tempo concreto em tempo mítico” (ELIADE, 1993, p. 35). Em suma, a edificação dos corpos representacionais denota de uma prática uniforme pautada pelas relações *neotribais* que os atores da sociedade estão inseridos.

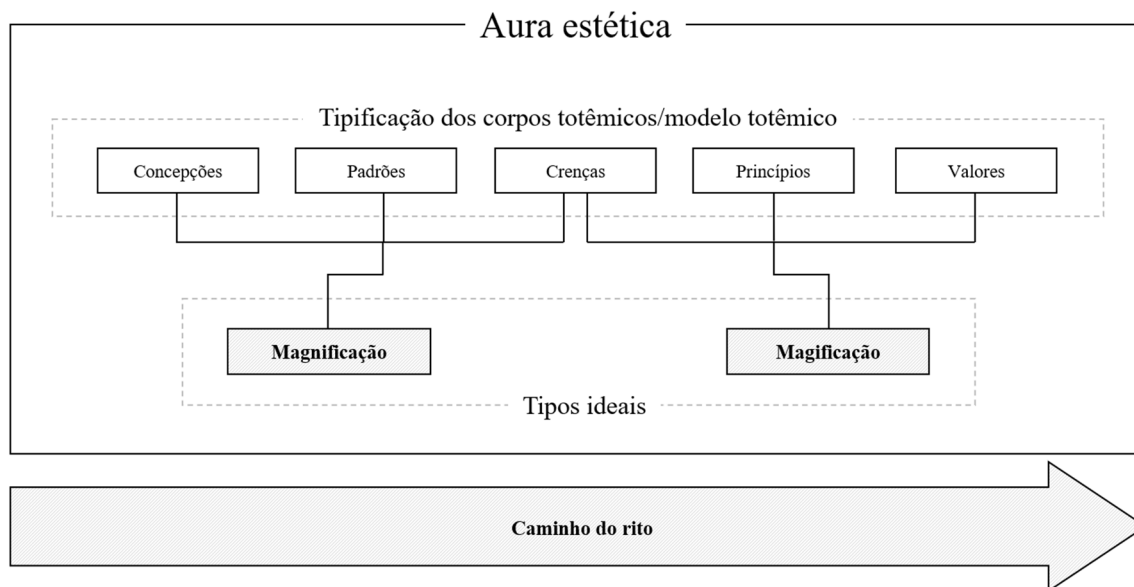
Corroborando com o aspecto mítico, é possível inserir nesta congregação construtiva para as noções de *magificação/magnificação* interpretações relativas as *tipificações aos corpos totêmicos*. Maffesoli (1998, 2012) e Durand (2012) não apresentam o conceito com este nome, mas, ambos, denotam manifestações que dimensionam os modelos totêmicos fixados a valores coletivos. Podemos dizer que elas são representações que os atores necessitam suplementar em conjuntos¹⁶ que nomearei de *princípios, valores, padrões, concepções e crenças*.

¹⁴ O mesmo que clero, eclesiástico. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/eclesial>>

¹⁵ Relativo à divindade. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/deidade>>

¹⁶ Como sinônimo, também pode ser chamado de parâmetros.

TABELA 1
Estrutura para conjunção do processo de rito da magificação/magnificação¹⁷



No que diz respeito a junção de parâmetros para a tipificação dos corpos totêmicos, eles são formados por cinco *conjuntos*. São eles que as interpretam, concedem instruções, as unidades semânticas que atribuem relações entre seus signos e referentes. Logo, eles estão classificados como: *princípios*; *valores*; *padrões*; *concepções*; e *crenças*.

Os conjuntos estabelecem unidades que ressignificam as construções míticas do corpo no *caminho do rito*. Isto é, parametriza definições e designações assinaladas pelo *semantismo do imaginário*. O respectivo conceito é atribuído e sublinhado a Gilbert Durand (2012). Ele define que as entidades totêmicas necessitam de introduções de parâmetros para serem constituídas e dotadas de valores. Em suma, existe a necessidade de uma construção para chegar-se ao *tipo-ideal*. A seguir, um resumo de cada um dos *conjuntos*.

2.1.1 Conjunto princípios

O parâmetro *princípios* carrega significados vitais da *potência popular*. Este processo não é observado como uma atribuição arbitrária, na medida que ele carrega sentidos e

¹⁷ Mediante pesquisas realizadas para a produção deste estudo, chegou-se nesta estrutura de rito. Desta forma, o fluxo foi desenvolvido pelo autor deste artigo.

abstrações de natureza cultural e simbólica. Neste sentido, ele não pode ser imposto por uma estrutura dominante, pois se manifesta de forma orgânica através das trocas realizadas pelos atores da sociedade. Além disso, ocorre entre os sujeitos uma transferência dos valores de unidade emocional que atravessam esta sensibilidade. Desta maneira, a essência do conjunto reflete as dinâmicas emocionais do corpo social moldadas pelas experiências compartilhadas em seu dia a dia. Ademais, elas sustentam uma coesão social¹⁸ capaz de oferecer uma base de identificação e convivência. Isto permite que os personagens se reconheçam como peça de uma unidade neste *ethos coletivo*¹⁹.

2.1.2 Conjunto valores

O conjunto de *valores* identifica os preceitos que parametrizam a construção coletiva e simbólica que sustentam o corpo totêmico. Nele, os *valores* representam ideais e aspirações que moldam a entidade e reforça a sua ligação simbólica e emocional com o coletivo. Nesta perspectiva ele é plural, na medida que os atores da sociedade partilham afinidades e elementos centrais em comum. Pode-se dizer que neste bloco existe uma noção de emoção que fomenta o sentimento de pertencimento. Ancorado a isto, os rituais totêmicos, cujas representações advêm de atos simbólicos, são dotados de condutas que definem o objeto a partir da sua valoração.

2.1.3 Conjunto padrões

O conjunto *padrões* corresponde aos modelos e normas relacionados ao comportamento dos sujeitos. O espectro dos corpos sociais possui códigos culturais estabelecidos a partir das configurações de condutas de suas matrizes. Estas regras orientam as ações dos atores, constituindo uma direção e instrução aos seus anseios. Além disso, estas diretrizes desempenham uma importante posição para a manutenção da coesão interna dos grupos. Logo,

¹⁸ O mesmo que uma unidade solidária dentro de um corpo social. Também pode ser traduzido como uma coesão que reflete o sentimento de pertencimento projetado pelo coletivo.

¹⁹ O *ethos coletivo* consiste em uma “noção coletiva e compartilhada de valores e referências que norteiam a vida social e a construção das identidades coletivas dos indivíduos” (JÚNIOR, 2019, p. 65). Em suma, ele é um conjunto de características, traços, atitudes e comportamentos que estabelece a personalidade de um corpo coletivo.

ela somente é avalizada quando emergida de dentro para fora. Isto é, a partir do sentimento de pertencimento e do ensejo em ser parte desta coletividade. Os coletivos propiciam moldes que asseveram uma coesão para este conjunto. Ele cadencia formas e preferências estéticas, bem como estímulos as interações sociais.

2.1.4 *Conjunto concepções*

O conjunto *concepções* é o modelo onde as narrativas coletivas definem idealizações que fundamentam o imaginário edificado a uma determinada entidade. Convém considerar que as estruturas emergem da necessidade dos atores de se identificarem com os mitos e signos dos seus personagens. Este imaginário coletivo é uma das principais colunas defendidas por Maffesoli (1998), de modo que as convicções dos corpos sociais são edificadas pelo parâmetro emocional e da estética. Isto fortalece um ponto de vista baseado na junção do pertencimento coletivo. Isto é, molda-se parâmetros simbólicos para proporcionar um uníssono identitário de uma comunidade com o seu personagem. Neste sentido, o conjunto *concepções* sustenta a coesão entre a entidade e sua tribo, vestindo o personagem com os signos que remontem a similitude deste corpo social. Logo, a efígie se torna um importante totem permitindo a comunidade se diferenciar das demais. Isto é, a identificação com o ícone tribal.

2.1.5 *Conjunto crenças*

Por fim, o conjunto *crenças* está conectado aos códigos da sacralização e da convicção. Este parâmetro é o único que compartilha ao mesmo tempo suas conjunções com os *tipos-ideais* da *magnificação* e *magificação*. Durand (2012) explica que as instruções morais já se encontram habitadas no imaginário do corpo social por serem remontadas aos tempos imemoriais²⁰. A partir deste entendimento, pode-se levar em consideração que os resquícios

²⁰ Jung (1964) fala sobre isto, de maneira diluída, na obra “*O homem e seus símbolos*” onde apresenta estudos sob a ótica dos valores simbólicos emergidos dos sonhos. Em seus escritos são apresentados casos de pacientes que relatavam a presença de signos relativos a moralidade, mesmo que os sujeitos nunca tenham tido contato prévio com eles. O autor sugere que isto advém de resquícios arcaicos que herdamos dos nossos antepassados. Em outras palavras, códigos de sobrevivência que faz o ser humano ser o que ele é. Chama atenção que boa parte destes resultados derivam do imaginário de crianças.

arcaicos²¹ enraizados também no inconsciente do tecido social ajudam a parametrizar esta concepção. No entanto, esta prescrição é suscetível a mudanças. Uma profunda consciência de valores abre renovados parâmetros que introjetam normas, resignificando esta matriz imaginativa. Durand (2012) menciona a existência de símbolos ascensionais que, usando dos mecanismos de elevação, combatem a finitude do tempo – lê-se a morte – e que comportam elementos que circunscrevem componentes do fascínio. Pode-se dizer que eles conferem ao *corpo totêmico* significados que permeiam ao âmbito do mágico e do grandioso – magnífico. Este é um dos tantos símbolos que inocula²² o conjunto *crenças* o conectando, especialmente, aos valores do profano e sagrado. Porém, o bloco, também, é cotejado sob a abordagem dos princípios da confiança. Apesar de Maffesoli (1998) conectar esta ideia aos vetores da sacralização, os papéis que o conjunto incorpora ultrapassam as significações do sacro. Ele desempenha o papel do moderno, onde a convicção moral, ideológica e ética ajudam a edificar um determinado objeto. Ele expecta²³ a *crença* ante a construção de uma ligação de proximidade aos atores da sociedade. De modo conciso, a similitude moral ajuda nesta identificação.

2.2 Do encanto a sedução: a mística dos corpos totêmicos na magificação

As noções de *magificação* presentes nas obras de Maffesoli (1998, 2012) e Durand (2012) desnudam entendimentos e visões que sobrepujam o senso de sedução dos *corpos totêmicos*. O *reencantamento* ilumina àqueles que estimulam nos atores da sociedade aceções de admiração, respeito e consideração. Isto ocorre no decurso das práticas prosaicas²⁴, manifestadas a partir da mística construída por estas efígies. Esta misticidade desnuda matizes do campo simbólico que aludem aspectos inerentes aos costumes e hábitos destes personagens. “Para resumir, digamos que nas massas que se difractam [sic] em tribos, ou nas tribos que se agregam em massas, esse reencantamento tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (MAFFESOLI, 1998, p. 42).

²¹ Estou considerando que códigos morais, introjetados na cultura, circulam de geração para geração no tecido social. Logo, o inconsciente do tecido social também pode ser arcaico.

²² O mesmo que introduzir. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/inocula>>

²³ O mesmo que expectativa. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/expectar>>

²⁴ O mesmo que corriqueiro e/ou de natureza da prosa. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/prosaicas>>

Gilbert Durand (2012) compreende estas noções sob a ótica dos processos simbólicos e ritualísticos que emolduram uma misticidade a uma dada entidade. Esta construção simbólica é operada através do envolvimento de valores intangíveis. Isto é, o encantamento coletivo promovido por um psicológico que concede força a este imaginário.

É esse "sentido" das metáforas, esse grande semantismo do imaginário, que é a matriz original a partir da qual todo o pensamento racionalizado e o seu cortejo semiológico se desenvolvem. É, portanto, resolutamente, na perspectiva simbólica que nos quisemos colocar para estudar os arquétipos fundamentais da imaginação humana. (DURAND, 2012, p. 31)

Como fundamento do pensamento humano, o simbolismo possui papel importante nesta construção imagética. Neste sentido, Durand (2012) assinala o termo *semantismo do imaginário*, onde o santeiro é a matriz para a edificação de um complexo pensamento simbólico. Antes de qualquer estrutura lógica, o inconsciente coletivo – seja dos sujeitos quanto da memória do tecido social – aciona códigos simbólicos que cooperam neste pensamento racional. Em atenção a isto, Jung (2002) dissera que esta disposição surge de uma raiz comum. Isto é, “de representações e pensamentos religiosos” (JUNG, 2002, p. 356).

No passado, referências a Deus e outros personagens históricos eram comuns em anúncios publicitários e reportagens sobre determinadas entidades totêmicas – não muito diferente de hoje, que elas são multiplicadas sob a forma de postagens em redes sociais. Estas ações, de certo modo, forçam estes corpos a desnudar de sua humanidade, colocando suas essências a um suposto status de divindade. A seguir, coloco o exemplo do esportista Pelé, mencionado em reportagem veiculada pela revista Manchete em 1961.

[...] 110 mil pessoas, de pé, aplaudiram freneticamente [...] Num arisco passe de mágica passou por quatro defensores milaneses, encobriu o arqueiro e empurrou a pelota mansamente para dentro da meta. Os torcedores do Internazionale²⁵ substituíram a melancolia da derrota de 4x1 pelo fanatismo da adoração de um ídolo. Pelé surgira para os italianos como um autêntico “Cesare nero” (BIANCHI, 1961, p. 26)

²⁵ A Football Club Internazionale Milano, conhecida nos países lusófonos como Inter de Milão, é uma agremiação esportiva futebolística da cidade de Milão na Itália.

A reportagem reflete um Pelé construído como uma entidade quase divina, o afastando de uma condição de homem comum. A narrativa o mitifica, posicionando-o a um retrato imperial e místico, quando comparado a expressão metafórica *Cesare Nero* – a locução denota um dualismo entre força e poder. Além disso, a reflexão exposta no material evoca sentimentos de veneração e respeito que transcendem o espectro da admiração e adentram ao território do culto simbólico.

Durand (2012), sugere que este território é uma estrutura que fornece significado ao desenvolvimento de ideais sobre determinado objeto. Voltando ao *semantismo do imaginário*, ele indica a suntuosidade²⁶ que as nuances do espectro imaginativo possuem. Logo, é possível posicionar as narrativas míticas sob a vértice da linguagem derivada de um campo mais intuitivo e simbólico. Jung (2002), em estudo realizado sobre o simbolismo da mandala, diz que as elucidações imagéticas apresentam riquezas atinentes aos sistemas cíclicos ritualísticos de criação do mundo. Apesar de florescer de uma irracionalidade do nosso inconsciente coletivo, ainda assim alimentamo-nos de uma imaginação ativa.

[...] possuem quase sempre um caráter intuitivo irracional e atuam de novo retroativamente sobre o inconsciente através de seu conteúdo simbólico. Tem, por conseguinte, em sentido figurado, um significado e efeito "mágicos", tal como os ícones eclesiásticos, cuja eficácia jamais é totalmente percebida. (JUNG, 2002, p. 356)

A imprensa, constantemente, ajudava a verbalizar na mídia o tom mágico do esportista. Em reportagem publicada pela revista Manchete em 22 de abril de 1972, o preparador físico do jogador, Júlio Mazzei, fez um balanço da condição física do atleta o classificando como “um jogador de xadrez” (DOS SANTOS, 1972, p. 35). A comparação considerava que Edson acionava qualidades pouco comuns para jogadores da época. “Ele consegue localizar sons dentro do campo. De costas para um companheiro que pede a bola, é capaz de reconhecer sua voz. [...] Prevê cinco ou dez jogadas na frente” (DOS SANTOS, 1972, p. 35). A matéria exaltava e investia com frequência na pauta do corpo. Era como se a entidade Pelé

²⁶ O mesmo que potência. Fonte: <<https://dicionario.priberam.org/suntuosidade>>

acompanhasse aspectos atinentes a uma deidade que ali inspirava artistas que o retratavam: Pelé é aquele célebre equilíbrio anatômico pintado por Da Vinci. [...] Dentro do mágico quebra-cabeça que forma esse perfeito jogador de futebol, elas têm funções básicas, como proteger as articulações dos joelhos, o ponto mais sensível de um atleta. (DOS SANTOS, 1972, p. 36).

Ao mesmo tempo que a imprensa apresentava, incessantemente, o atleta como um concludente e permissível extra-humano emoldurado pela magia, ela também tratava de mostrar que diante de todos existia um mortal que passava pelos mesmos ritos do desgaste da carne e do corpo. Porém, ainda assim, a condição do homem comum continuava afastada o aproximando de uma divindade. Sob o aspecto desta reprodução mágica, Jung (2002) oferece uma poderosa ponte conceitual em seu estudo das significações das mandalas em seus pacientes. Ele diz:

[...] Estes descobrem depois, mediante o efeito de seus próprios quadros, o que os ícones podem significar. Os quadros não têm eficácia porque provêm de sua própria imaginação, mas porque os pacientes ficam impressionados com os motivos e símbolos inesperados os quais são produzidos por sua fantasia subjetiva, de acordo com certas leis, exprimindo uma idéia [sic] e situação, as quais sua consciência só apreende com muita dificuldade. Em muitas pessoas surge de uma mandala pela primeira vez a realidade do inconsciente coletivo como uma grandeza autônoma (JUNG, 2002, p. 356)

Na medida que seus pacientes criavam as imagens, símbolos eram estabelecidos e emergidos de suas próprias fantasias. Embora provenientes de compreensões mais superficiais, ainda assim elas revelavam o inconsciente coletivo como uma grandeza autônoma. Logo, é sugerido que determinados ícones ressoam significados que estão além do objeto fitado. A forma como Pelé era retratado, por vezes como uma divindade futebolística, exprime uma resposta, um reflexo, da imprensa como extensão da sociedade. Assim como a mandala de Jung, o atleta transcendia a sua própria individualidade, assumindo um papel simbólico neste imaginário cultural. Este processo transformou Edson em uma efígie mágica. Uma entidade capaz de personificar adoração e encantamento dos atores da sociedade que projetavam nele aspectos do seu próprio santeiro.

Como apresentado no parágrafo anterior, os veículos fomentaram exaustivamente o imaginário de um Pelé dadivo. Um presente mortal concedido pelas entidades sagradas.

Um dia, alguém, mas atrevido, disse que Pelé era uma fábula. Foram mais adiante, disseram que era uma utopia. Na poesia, Pelé foi chamado de POEMA NEGRO DE VERSOS DOURADOS... Na música, disseram que o seu futebol era UMA SINFONIA RÚSTICA; chamaram-no de ANJO DE ÉBANO, talvez pela idade. Um dia, na televisão, um cronista veterano foi mais longe: — Se os que escreveram sobre [sic] os deuses da mitologia pudessem voltar à Terra, acredito que eles [sic] "rabiscassem" algo para definir Pelé. A nossa pena pára [sic], quando tentamos formar uma figura para dizer aos leitores quem é esse menino. Falaram muito dele, mas nunca se chegou à mínima proporção do que é, no futebol, este ídolo negro. (LIMA, 1958, p. 57).

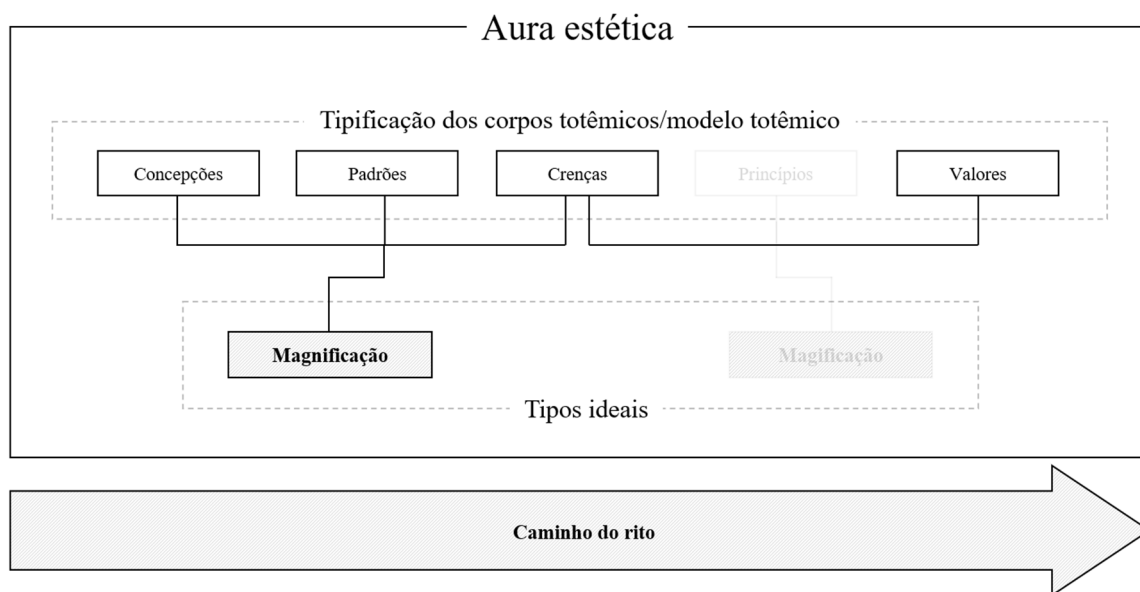
A tipificação do corpo do atleta se transformou em um mecanismo de controle, legitimando o retrato de um sistema de controle promovido pela mídia. Convém observar que a *magificação* parte de um pressuposto de uma participação mágica do objeto com os sujeitos. Existe um processo de construção de uma aura de fascínio, admiração e encanto que remontam está efigie. O processo envolve a constituição de uma identidade simbólica remontada pelos conjuntos *princípios*, *valores* e *crenças*. Ao mesmo tempo, variáveis que remontam aspectos de sensibilidade e preceitos contribuem para este ressoar estético. Pelé foi um esportista globalmente reconhecido e respeitado. Enquanto atleta profissional ele atingiu o ápice da sua imagem. É incorreto afirmar que o processo de *magificação* está limitado somente às suas habilidades e conquistas dentro de campo. Ele transcende as expectativas. Esta construção envolve a concepção de simbologias que exerçam o espírito de representação das comunidades e convirja narrativas que compunham aspectos relativos à história do futebolista.

3. Considerações finais

Considerando as articulações iniciais do estudo, o imaginário coletivo se aporta em modelos que tipifique determinado modelo totêmico. Esta caracterização parte de uma conjunção trinar de parâmetros que emolduram o respectivo *tipo-ideal*. Neste sentido, os conjuntos *crenças*, *princípios* e *valores* necessitam compor este corpo para edifica-lo ao nível de *magificação*. Além disso, é preciso que o primeiro bloco de conjunções seja perpassado. Isto é, antes de *magifica-lo* é necessário *magnifica-lo* sob os preceitos *concepções*, *padrões* e *crenças* – este último que divide seu indicador em ambos os *tipos-ideais*. Caso a entidade

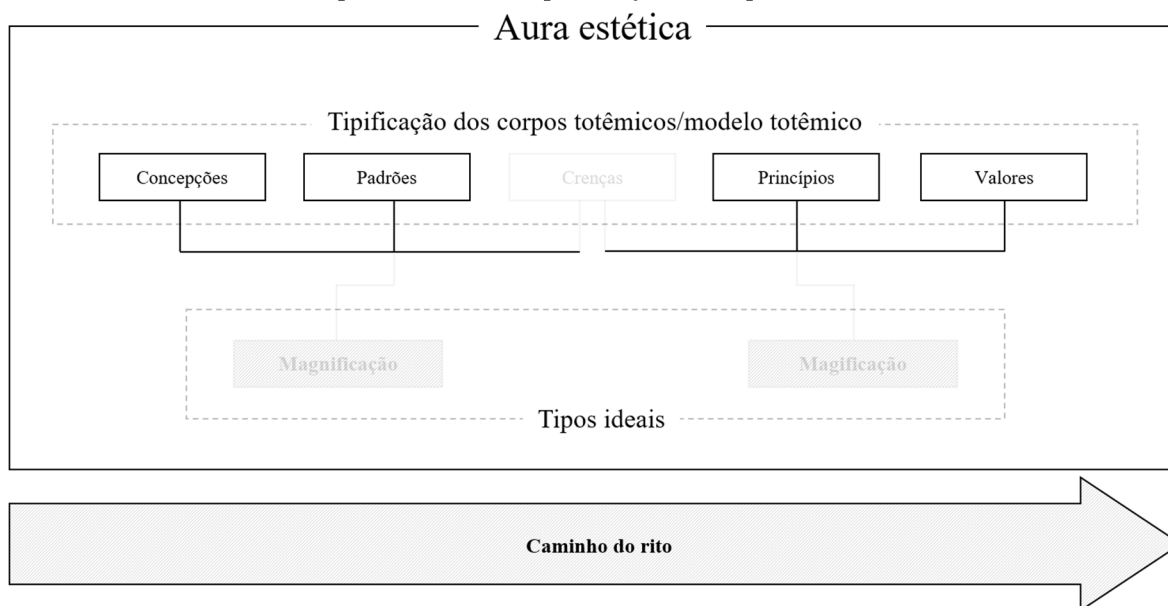
totêmica desposse de algum dos indicadores desta tipificação, ele perde o status do respectivo *ideal*.

TABELA 2
Exemplo 01 de estrutura para conjunção do processo de rito



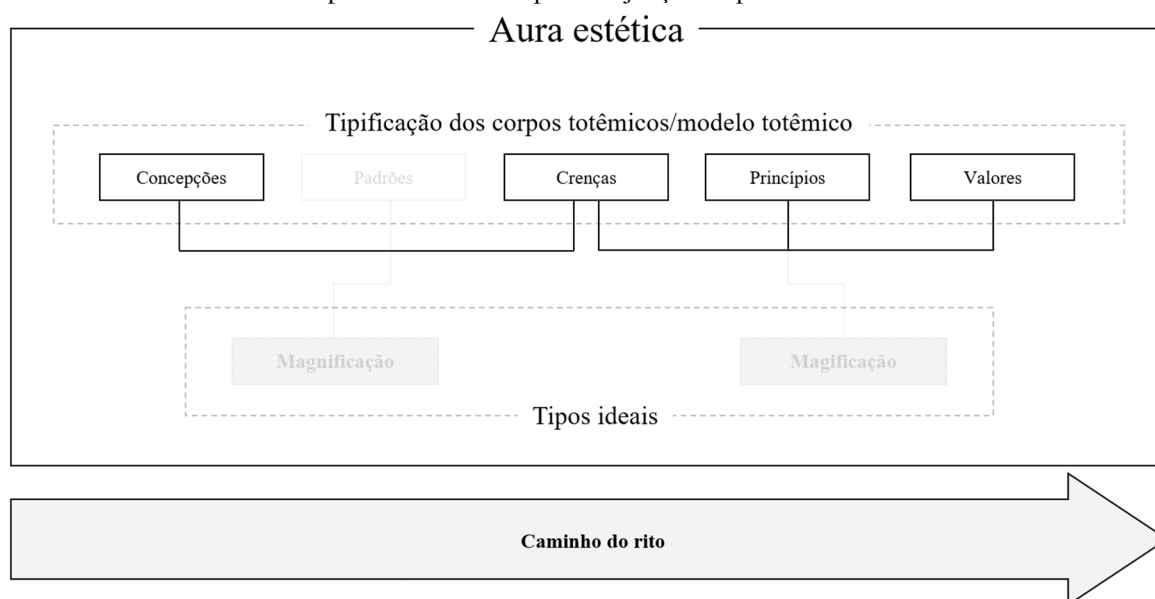
De acordo com a tabela 2, a entidade totêmica não consegue ser edificada sem que todos os conjuntos estejam presentes neste rito. Isto é, ela não pôde ser *magificada* em razão de não cumprir os requisitos do parâmetro *princípios*. Contudo, ela mantém a sua estrutura *magnificada*, por conta de ainda preservar o seu conjunto trinário. Vejamos a tabela 3:

TABELA 3
Exemplo 02 de estrutura para conjunção do processo de rito



O conjunto *crenças* possui uma particularidade ao dividir seus parâmetros com os dois *tipos-ideias*. Apesar dos outros dois conjuntos – *concepções/padrões* e *princípios/valores* – cumprirem os seus requisitos, a entidade totêmica não consegue ser edificada por conta do não cumprimento da trinariedade das suas respectivas tipificações. Por fim, observamos a tabela 4:

TABELA 4
Exemplo 03 de estrutura para conjunção do processo de rito



O último exemplo apresenta a ausência do conjunto *padrões*. Logo, por não cumprir a trinariedade do *tipo-ideal magnificação* ele não pode ser edificado. No entanto, é observado que o processo de *magificação* possui seus três parâmetros tipificados – *crenças*, *princípios* e *valores*. Apesar disso, ele não é erigido. Para que uma entidade seja *magificada*, obrigatoriamente existe a necessidade de perfazer o *caminho do rito*. Imprescindivelmente, ele deve ser obedecido, atendido, seguindo o rito inicial da *magnificação*. No caso da não observância de um dos seus preceitos, ambos os *tipos-ideais* não são concebidos. Vale sublinhar um ponto de atenção: como observado na tabela 2, somente a *magificação* não é consolidada, tendo em vista que a ordem do rito não interfere no processo que o antecede – *magnificação*. Em outras palavras, para *magificar*, é necessário o corpo primeiro ser *magnificado*.

Observando as possibilidades dos ritos é possível aferir que o imaginário dos coletivos é organizado e perpetuado por sentidos que emergem do campo dos símbolos. No que diz respeito a *magificação*, a análise inicial indica que Pelé transcendeu a sua imagem enquanto atleta profissional. Como intercessor de significados, sua efígie expressou parâmetros que emoldurasse seu corpo a um determinado *tipo-ideal*. Deste modo, as articulações apresentadas neste trabalho ajudam a elucidar como são facultadas as edificações de determinadas entidades totêmicas. Além disso, este estudo lança luzes de como estes corpos continuam a inspirar e mobilizar os atores da sociedade em torno delas reproduzindo nossa adoração por totens, do mesmo modo que as construções do nosso passado arcaico.

Referências

- BIANCHI, Ney. Pelé o César negro. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, ano 9, ed. 481, 8 jun. 1961, p. 26 – 28.
- DOS SANTOS, José Maria. Como é possível ser... Pelé. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, ano 20, ed. 1044, 22 abr. 1972, p. 34 – 40.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira Silva. Ethos: uma proposta classificatória para a utilização do conceito na área da comunicação. **Comunicologia: revista de comunicação da Universidade Católica de Brasília**. Vol. 12, n. 1, Brasília, p. 54 – 68, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LIMA, Carlos. Falta um “deus” no olimpo: Pelé. **Revista Manchete Esportiva**, Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, ano 3, ed. 162, 27 dez. 1958, p. 56 – 57.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX volume 1: Neurose**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- PATIKOWSKI, Leonardo Rampon. O herói de uma nação sem heróis: a imagem do piloto Ayrton Senna construída pela publicidade. Monografia apresentada para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social: habilitação em Publicidade e Propaganda – **Universidade do Vale do Rio dos Sinos**, 2018.
- RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Iconografia e comunicação: a construção de imagens míticas. **Logos**. Vol. 17, n. 2, Rio de Janeiro, p. 9 – 19, 2015.